

# AQUILINO RIBEIRO



*"300 anos a crescer, 300 no seu ser, 300 a morrer - O derradeiro gigante da nossa flora".*



**Bragança**

28 de Outubro de 2016

- *De onde é natural?*

Bem... Eu nasci perto do Távora, no concelho de Sernancelhe, numa aldeiazita pacata, pobre.

Era uma terra de castanheiros. Eu nasci no meio dos castanheiros, na zona dos castanheiros. Sabe que o castanheiro é uma árvore bonita, uma árvore da força e da beleza.

- *Frondosa...*

- Mais que frondosa. Um castanheiro é uma cidade. É uma cidade para os pássaros. Há o peto real, há a poupa, há o melro, que fazem os ninhos nos castanheiros.



---

Entrevista dada a Igrejas Caeiro em 1958



*-É um pequeno mundo...*

- Absolutamente. É um perfeito mundo.

E depois as pastoras que vêm, com os seus tamanquinhos, britar o ouriço com os britadores especiais, com a sua capuchinha para apanhar as castanhas, todas as manhãs, quando vem um bafo de vento.

Tem muita graça.

E quando elas se começam a rir?!...

A castanha é uma coisa muito bonita...

Entrevista (Continuação)







Castanheiro. (Perímetro do tronco: 13,4 m), Beira Valente, Moimenta da Beira.

O castanheiro é rei da vegetação lusitana. Não é temeridade dizer que existem ainda alguns que viram passar os fossados dos reis afonsinos e deram castanhas a rilhar aos seus peões.

Além de celeiro de nossos avós púnicos e celtibéricos, era por vezes a sua casamata e almenara e, quando enfolhado, a abóbada verde sob que armavam festas e arraiais.

Os nossos antepassados conheciam as infinitas virtudes do castanheiro e veneravam-no como a uma divindade exclusivamente benigna.





Castanheiro da Guerra – Antas - Penedono

No Codessal havia de tais colossos, patriarcas seguramente do reino vegetal naquelas redondezas.

Um, reboliço e velhinho, tinha no toro uma toca tão vasta que meu pai mandou armar uma mó de moinho em que nos serviam as refeições. Com os amentilhos abertos e ainda quando os ouriços começavam a dourar, era esplêndido como uma catedral ao sol.

Aquilino Ribeiro in *Cinco Réis de Gente*







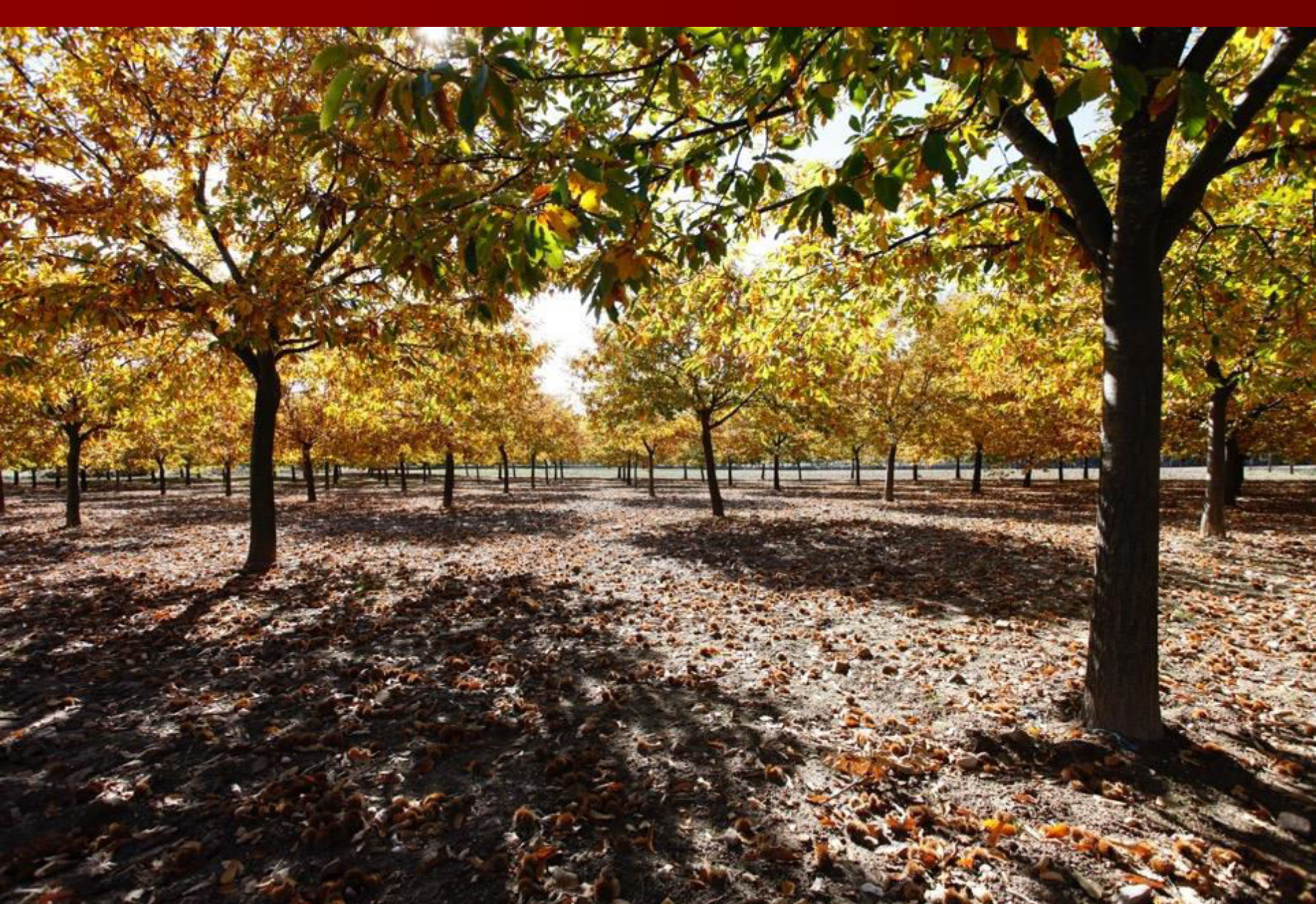
Os soutos amaduravam envoltos na grande pompa dos seus bordados sacerdotais.

Já corriam para eles as mocinhas de giga nos braços e os gaios, que pretendem dar ideia de seguir rota para longe, se ninguém os estorvava, desciam de voo picado a arpoar a castanha que ruborejava no ouriço arreganhado.

Os meninos da escola (...) iam andando e rilhando as primeiras longais, muito doces e bonitas com suas malhas de branco e de sépia, deitadas abaixo à pedrada.

Aquilino Ribeiro in *Terras do Demo*









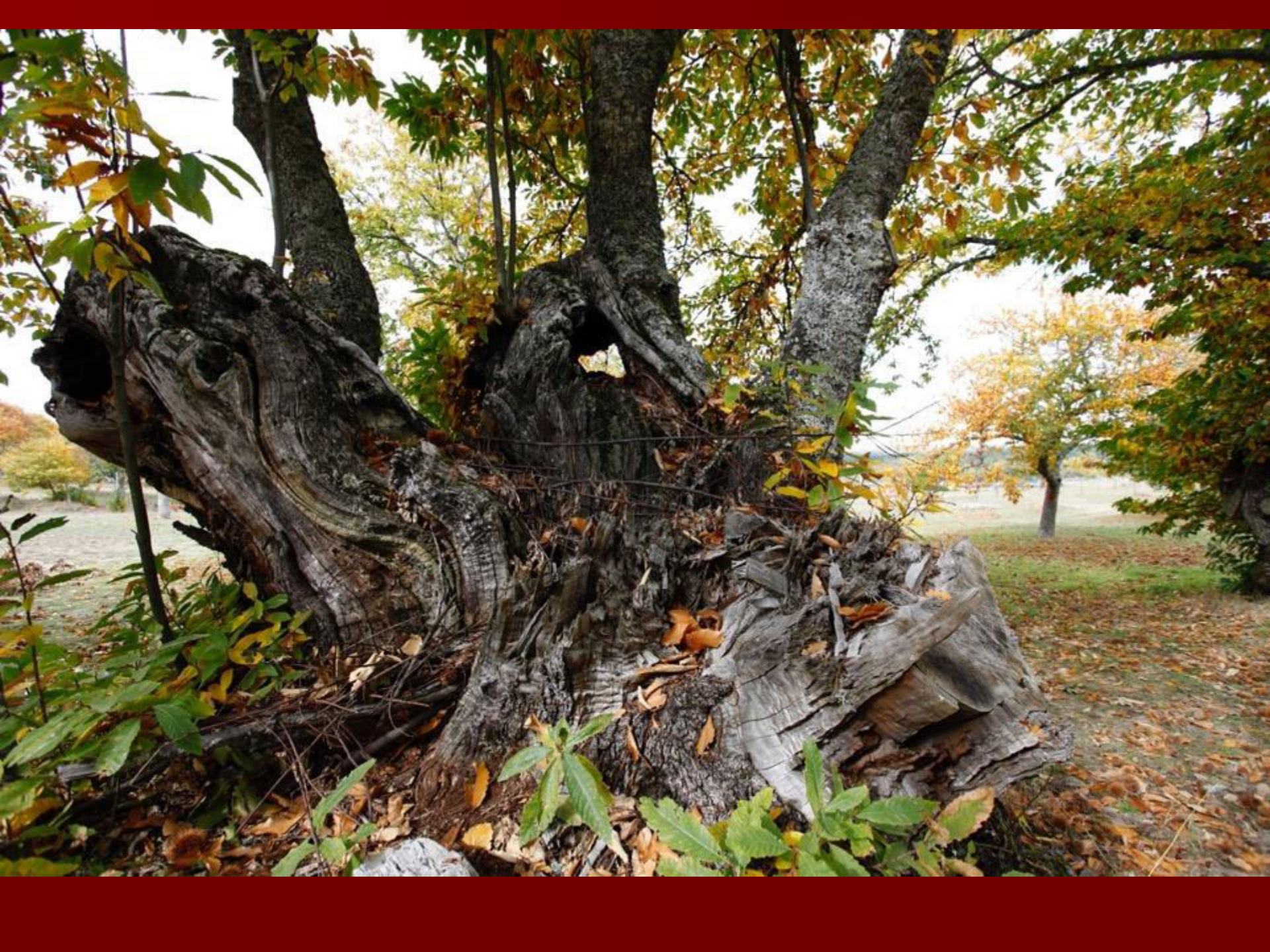
No Outono é maravilha ver, contra o fundo crestado das chãs, com os ouriços a arreganhar e o folhado a empalidecer, como suplantam em sumptuosidade tudo o que se possa imaginar de ourives pelas feiras e de velhos brocados numa missa de pontifical.

Aquilino Ribeiro in *Aldeia, Terra, Gente e Bichos*.











A carrada de um desses velhos troncos, que a necessidade de travejar a casa, inserir aduelas novas nos pipos, fazer uma arca para as ceveiras, amputou sucessivamente de seus braços seculares, é caso sério para uma só junta de bois, partindo ainda do princípio que o eixo aguentava.

Aquilino Ribeiro in *Terras do Demo*

Mas dou conta que o castanheiro é o derradeiro gigante da nossa flora.

Aquilino Ribeiro in *O Homem da Nave*



O Cláudio plantava castanheiros novos numa belga de ferrã, e era salutar ver um velho entregue a uma tarefa de frutos longínquos, de todo safra para ele.

Aquilino Ribeiro in *Terras do Demo*







À primeira vista há uma desproporção flagrante entre o porte dum castanheiro e o tamanho dos frutos que produz.

Mas as castanhas são tão bonitas com sua oval fantasiosa, seu sépia de veludo, tão tenras quando espreitam juntinhas às duas , às três e até às quatro, inclusa a *boneca*, do ouriço arreganhado, tão bonitas até mesmo no chão, uma das faces plana, outra convexa à semelhança da broa no açafate, que o equilíbrio se perfaz na pulcritude e quantidade.

Aquilino Ribeiro in *Cinco Réis de gente*





## Da utilidade do castanheiro:

... as plantas têm aquela história que lhes determinar o uso, préstimo, serventia, numa palavra, o comércio que tivermos com elas, de qualquer ordem, poético, utilitário, económico e até religioso.

Houve, se não há ainda, plantas tidas como o centro de um mito, tal o carvalho para os druidas...

Aquilino Ribeiro in *O Homem da Nave*



# Da utilidade do castanheiro e da castanha:

## Do castanheiro:

- **Poética:** ninhos, sombra, paisagem
- **Lúdica:** assobios
- **Mítico-religiosa:** o cepo de natal, não atracção pelo raio; não utilização como forca. A lenda do castanheiro do ouro. O "castanheiro da guerra".
- **Económica:**
  - Madeira: arcas, pipos, pranchas de comboio, cestaria
  - Traves e estacaria
  - Vara de lagar
  - Lenha
  - Folhagem verde (gado); seca (estrume)
  - Na arte: escultura, talha, pintura sobre tábuas
  - Fruto: a castanha

# Da utilidade da castanha:

## - Alimento:

- Consumo tradicional: cozidas, assadas, piladas. Pão (falacha)  
Alimentação animal (engorda do porco).
- Consumo moderno: idem + aplicações na gastronomia e doçaria

## - Mítico-religioso: sinalização de gravidez (a boneca); colares de castanha como ex-voto; as castanhas de Maio; o gerar de piolhos comendo crua.

## - Económico:

- Venda, imposto (dízimos), troca natural.
- Modernas festas e concursos promocionais

## - Ludicidade: magusto; rebentar da "boneca".











# MAGUSTO NA ESCOLA:

Chegou a Santa Catarina, dia feriado na escola e fomos buscar a imagem que havia de presidir ao magusto. Tinha-a o Zé Loio à sua guarda em cima do caniço, motivo por que, ainda que especiosa de feições e veneranda, estava negra como o ébano (...)

E cada um com sua taleiga de castanhas, a botelha ou a borrachinha grávida de verdasco, ala em procissão para as matas.

.....  
Içámos a Santa Catarina no alto duma rocha, tal uma divindade druídica padroeira de ramboias, e com caruma seca arrebanhada em três tempos, fizemos o magusto. Eu te enferreto, tu me enferretas; dás-me um empurrão, dou-te dois; alegria esfuziante de vinho novo.

Aquilino Ribeiro in *Cinco Réis de Gente*













OS N  
GAL -  
ORTA  
CERD  
PEDR  
BREIR  
FO  
GAL C  
ORTA  
CERD  
PEDR  
BREIR  
OS N  
GAL C  
ORTA  
CERD  
PEDR  
BREIR  
OS N















# ***Síntese Biográfica de Aquilino Ribeiro***

1885 Nasce no Carregal, concelho de Sernancelhe, Aquilino Gomes Ribeiro.

1895 Vai morar para Soutosa, concelho de Moimenta Beira, com seus pais. Entra para o Colégio da Senhora da Lapa, onde fará os estudos equivalentes ao liceu.

1900 Entra para o Colégio da Roseira (do Pe. Alfredo), em Lamego, para fazer os estudos preparatórios e aí permanece até 1902, ano em que segue para Viseu, a fazer Filosofia. Ainda neste ano, em Outubro, entra no Seminário de Beja para fazer Teologia. É expulso no 2.º ano por se opor ao prefeito, Pe. Manuel Ançã. Estamos em 1904 Regresso a Soutosa.

1906 Sua vinda para Lisboa. Primeiros passos na escrita jornalística, tradução (Il Santo) e panfletária (A Filha do Jardineiro).



1907 Enquanto membro da Maçonaria e de seu braço extremo, a Carbonária (Alta Venda), é preso na Esquadra do Caminho Novo, na sequência de um rebentamento de explosivos que estava a preparar, no seu quarto da pensão, na Rua do Carrião, com o Dr. Gonçalves Lopes e Belmonte de Lemos, que morrem no acidente.

1908, 12 de Janeiro, foge da Esquadra e refugia-se nas águas furtadas da casa de umas velhas senhoras. Dá-se o Regicídio, a 1 de Fevereiro. Aquilino foge para Paris, em Maio desse ano. Aí permanecerá 6 anos.

1910 Proclamação da República. Aquilino vem a Portugal. Regressa a Paris, onde está matriculado na Universidade da Sorbona e onde faz 3 anos de estudos em Sociologia. Conhece sua 1.<sup>a</sup> mulher, a alemã Grete Tiedemann com quem casa em 1913.

1912 Vive uns meses na Alemanha.

1913 Casa na Alemanha.

1914 Nascimento do 1.º filho Aníbal Aquilino Fritz Tiedemann Ribeiro. Regressa a Portugal sem concluir a sua licenciatura.

1915 Exerce funções de professor no Liceu Camões, em Lisboa, até 1918.

1919 Vai exercer funções para a Biblioteca Nacional, como segundo bibliotecário.

1927 É implicado na Revolta contra a Ditadura, de 7 de Fevereiro. Foge para a Beira Alta e daqui para Paris onde se exilará durante um ano. É demitido do seu lugar na BN. Regressa clandestinamente a Portugal, refugiando-se em Soutosa. Morre sua 1.ª mulher.



1928 Participa no Movimento Revolucionário de Pinhel, contra o governo. É preso na estação de Contenças, Mangualde, de onde segue para o Presídio do Fontelo, em Viseu e de onde se evade no dia da Senhora da Lapa, 15 de Agosto. Foge para Paris.

1929 Casa em Paris, em segundas núpcias com D.<sup>a</sup> Jerónima Dantas Machado, filha do Presidente da República, Bernardino Machado. Vivem no sul de França, Ustaritz e depois em Baiona.

1930, 6/4, nasce o 2.º filho, Aquilino R. Machado, em Baiona.

1931 Vai viver na Galiza, em Vigo e depois Tui.

1932 Entra em Portugal clandestinamente e vive por uns meses em Abravezes, Viseu. É amnistiado e passa a viver na Cruz Quebrada, Lisboa.

1935 É eleito membro da Academia das Ciências de Lisboa.

1952 Vai ao Brasil onde recebe as mais altas homenagens de escritores e políticos locais. É feito Comendador do Cruzeiro do Sul pelo governo brasileiro.

1956 Funda a Sociedade Portuguesa de Escritores, da qual é Sócio n.º 1 e seu 1.º Presidente.

1959 É-lhe instaurado um processo pela ditadura salazarista por causa de seu livro "Por quem os lobos uivam". É emitido um mandato de captura contra ele e é obrigado a prestar uma caução de 60 mil escudos, quantia avultada para a época.

1960 É proposta a sua candidatura ao Prémio Nobel de Literatura.



1961 Vai a Londres por motivos de saúde. Revisita Paris.

1962 Nasce a 1.<sup>a</sup> neta, Mariana Ribeiro Machado, filha de Aquilino Ribeiro Machado.

1963 Morre no Hospital da CUF, em Lisboa, subitamente, às 12h30 do dia 27 de Maio.

2007, 18 de Setembro. Os restos mortais de Aquilino Ribeiro são trasladados para o Panteão Nacional, Igreja de Santa Engrácia, em Lisboa, onde estavam já sepultados: Almeida Garrett; João de Deus; Manuel de Arriaga; Teófilo Braga; Guerra Junqueiro; Óscar Carmona; Sidónio Pais; Humberto Delgado; Amália Rodrigues. Aqui estão ainda os memoriais fúnebres (cenotáfios) de Nuno Álvares Pereira, Infante D. Henrique, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral, Afonso de Albuquerque e Luís de Camões.

**BEM-HAJAM !**